

Júlio Alves

# A vida, o amor e a tartaruga

Já está nos cinemas *A Arte de Morrer Longe*, uma adaptação da novela homónima de Mário de Carvalho, com Ana Moreira e Pedro Lacerda. Mas o realizador, que também é professor de cinema na Un. Lusófona, tem mais dois filmes que estreiam este mês, a 23, *Sacavém*, e *Diálogos de Sombras*, ambos à volta do universo de Pedro Costa. Acrescente-se ainda *24 de Fevereiro 2022*, uma exposição, sobre a guerra da Ucrânia, feita em parceria com Hugo Barata, patente no MAAT. O mês em cheio para o realizador

MANUEL HALPERN

Um casal separa-se, divide os bens comuns, mas no final não sabe o que fazer com a tartaruga. A história é de Mário de Carvalho e pertence a uma das suas *cronovelas*. Júlio Alves adapta-a ao cinema, num filme leve e bem-humorado, com fantásticas atuações de Pedro Lacerda e Ana Moreira, que chega às salas após se ter estreado no IndieLisboa. É a segunda adaptação que o realizador faz de Mário de Carvalho, depois da curta *O Alferes*. Quase em simultâneo, a 23, estreiam-se dois outros filmes, ensaios ou documentários, em volta de Pedro Costa, que têm circulado pelo mundo, a reboque do enorme prestígio do autor de *Casa da Lava*. *Sacavém*, que serviu de tese de doutoramento de Júlio Alves, é uma reflexão a partir de objetos que se encontram nos filmes de Pedro Costa. *Diálogos de Sombra* é um olhar sobre a exposição que o realizador fez em Serralves. Acrescente-se ainda que *24 de Fevereiro de 2022*, uma exposição de Júlio Alves e Hugo Barata, patente no MAAT, que nos propõem uma visão sobre a Guerra da Ucrânia, um ano depois do seu começo.

Nascido em Lisboa, em 1971, Júlio Alves já realizou 15 filmes, entre ficção, documentário e até uma curta de animação. *A Arte de Morrer Longe* é a sua primeira longa-metragem de ficção.

**JL: Tem três filmes em exibição no mesmo mês. O que a ficção *A Arte de Morrer Longe* tem que ver com os documentários sobre Pedro Costa?**  
Júlio Alves: Já fiz documentários, uma curta de animação, filmes mais ensaísticos. Não sou um realizador de um só formato. Vou à procura do formato que melhor serve aquilo que tenho para contar. São olhares ou camadas sobre a minha existência. Mas encontro proximidade entre as coisas. O Pedro Costa é um realizador humanista, e *A Arte de Morrer Longe* também é um filme humanista. A ideia, que parte do Mário de Carvalho, é a de um país que não precisa de heróis, mas que é antes feito de pessoas vulgares que vão a um café e pedem um chá. Estas personagens têm uma vida normal, estão a separar-se da mesma forma como se casaram. E



*A Arte de Morrer Longe*, de Júlio Alves. Grandes atuações de Pedro Lacerda e Ana Moreira

não sabem porquê. É um retrato de todos nós. Não é uma crítica, mas sim uma observação. A tartaruga é uma metáfora sobre tudo o que quisermos pôr lá dentro.

**Como chegou ao Mário de Carvalho?**

Fiz uma adaptação a partir de *Era Uma Vez um Alferes*, em 2000, com o nome *Alferes*. Depois fiz também de Mia Couto, *Ossos de Ossado*, e de Manuel Ribas, *Ele Partido de Reyes* que resultou em *O Jogo*. São objetos diferentes. Este livro do Mário de Carvalho dava uma história para um filme que queria mesmo contar. Uma certa ironia, mas com leveza, em que todos nos podemos identificar, mesmo não passando por uma experiência de separação. Esse olhar sobre a sociedade era suficientemente potente para eu lhe colocar mais coisas. Não é uma adaptação tout court, mas antes a partir de...

**Conta com dois grandes atores, Pedro Lacerda e Ana Moreira... Como foi dirigi-los?**

É um trabalho em que todos partici-

pamos muito. Quando lhes dei a ler o guião, a primeira coisa que fiz foi retirar todos os diálogos. Durante quase um mês encontrávamo-nos oito horas por dia e trabalhámos a partir dos materiais que cada um trazia para o filme e dos improvisos. Chegámos assim àquele tom, à passividade de ambos sobre um assunto que não se pode resolver. Eles próprios trouxeram a sua observação sobre a vida e eventualmente parte das suas vidas para os personagens.

**Até que ponto é que escreveu logo a pensar nos atores?**

Não escrevi a pensar neles, mas em fisionomias próximas... magros, altos, com determinados olhares. Muita gente diz que o Pedro Lacerda é um ator cómico. O filme constrói-se naquilo que não é dito. Ele é expressivo. Mas não me recorde de ver uma interpretação do Pedro Lacerda tão controlada e contida. Esse é o seu grande mérito.

**E o Mário de Carvalho acompanhou o processo?**

Ele deixou-me à vontade para trabalhar sobre o texto. Enviei-lhe depois o filme e acho que ele terá gostado.

**E a figuração que ele faz no filme. Foi fácil convencê-lo?**

Expliquei-lhe que era algo que estava inscrito na minha relação com o filme. Ele disse que não tinha jeito nenhum, mas aceitou participar. É bonito que o autor que criou a personagem lhe possa dizer "Bom dia, menina Bárbara". E ela abra a porta, olhe para ele e responda, "Bom dia, senhor Mário".

**É um filme de ficção, mas não realista. Até hoje não conheci ninguém que tenha criado um impasse na sua separação devido a uma tartaruga**

**O filme tem uma base realista, mas é pontuado por elementos nada reais, até mesmo surrealistas. Como fizeste esse balanço?**

É um filme de ficção, mas não realista. Até hoje não conheci ninguém que tenha criado um impasse na sua separação devido a uma tartaruga. Logo aí marca-se uma distância. Mas os atores atuam de uma maneira muito realista.

**Enfim... há homens com cabeças de peixe...**

Penso que cada um de nós já tivemos várias visões. O filme está construído do segundo a ideia de três camadas da natureza: a natureza selvagem, dos rios e dos mares; a natureza domesticada, dos parques, jardins, lagos; e depois é aquela plasticidade que o homem domina. Tudo isto está construído nos *décors*, nos espaços que filmamos.

**E que Lisboa é esta que aparece aqui?**

O filme está escrito no eixo entre a Avenida dos EUA e a Alameda. Não é uma Lisboa postal, mas dos centros comerciais que tendem a resistir, mas que não têm ninguém, ao comércio tradicional que vai resistindo. É uma composição. Uma Lisboa mais construída no meu olhar do que uma definição clara daquilo que se imagina ser hoje uma cidade...

**E os outros dois filmes que vão estreiar. São obras sobre obras do Pedro Costa?**

Não necessariamente. O *Sacavém* é uma viagem ao cinema do Pedro Costa através de um conjunto de objetos. *O Quarto da Vanda* só pôde ser feito com a democratização dos equipamentos e uma câmara com aquelas características, que permitem estar dois anos a filmar dentro de um quarto. Anos antes seria impossível fazer aquele filme assim. Temos a possibilidade de ouvir o Pedro Costa a falar sobre os objetos.

**E o *Diálogo de Sombras*?**

O Pedro Costa desafiou-me a filmar a exposição *Companhia*, em Serralves, Fiz a minha leitura daquilo que me foi dado a ver.

**O que tudo isto te trouxe para *A Arte de Morrer Longe*?**

*A Arte de Morrer Longe* é um filme melhor porque tive estas duas experiências. O filme está cheio de referência nos enquadramentos, etc, não só de Pedro Costa, mas também César Monteiro, Kiarosmaty... Tudo isto está lá triturado.

**E a exposição?**

Também tem pontos de contacto. Estávamos pela primeira vez a assistir a uma guerra em direto. Vimos na televisão imagens horrorosas que não estavam a ser filtradas por um jornalista ou uma redação. Aquilo impactou-me e comecei a fazer uma recolha. A partir daí montei um vídeo de cinco minutos realistas e tornei-o não realista. É importante contribuir para que nada disto seja esquecido. JL